Demoniologia de Eça de Queiroz no conto *O Senhor Diabo*

Davi da Silva Oliveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, DS. Demoniologia de Eça de Queiroz no conto O Senhor Diabo. In MAGALHÃES, ACM., *et al.*, orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 161-175. ISBN 978-85-7879-188-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Demoniologia de Eça de Queiroz no conto *O Senhor Diabo*

*Davi da Silva Oliveira*¹

Diabo histórico

Um breve histórico das manifestações demoníacas através da história já nos traz um panorama sobre as dissimulações materializadas pelo Diabo. De acordo com Cousté, (1997, p. 112-113), o Maligno caminhava com

¹ Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, professor de Literatura Brasileira e Portuguesa no UNASP, Campus Engenheiro Coelho (SP). Email: davi.oliveira@uasp.edu.br

a humanidade desde a Pré-História, quando se praticava o exorcismo e ritos com sacrifícios. No entanto, os registros na crença e no medo em um deus do mal surgem a partir da Idade Média.

Os mesopotâmios atribuíam grande importância à divindade do mundo. Sataran, o deus-serpente, era o mito central. Ele e seus demônios como Namtaru, responsável pelas pestes e catástrofes; Rabisu, aquele aparecia imprevisivelmente para perturbar a vida dos homens; e Labasu, um ser ladrão. Todos eles atuavam como promotores de desgraças dos seres humanos.

A personagem demoníaca mais fascinante, na Mesopotâmia, após receber influências de outros povos, chama-se Lilith. De acordo com Cousté (1997, p. 116), Lilith:

Era o terror dos que se achavam entregues ao sono; obtinha deles o sêmen de que necessitava para engendrar monstros. Tais aberrações que povoavam de ciladas o dia e a noite sumerianas apresentavam-se no leito de morte de seu desditoso pai e tornavam atrozes as horas de agonia.

Singular é este fato, pois é a primeira vez em que o Mal vem materializado numa divindade feminina. Ainda de acordo com Cousté (*ibidem*), os talmudistas acreditam que, perdendo Lúcifer a batalha para Adão, o Mal se personifica como Lilith.

Para os egípcios, (3.000 a. C), sob o nome de Seth, o Diabo, segundo (OLIVEIRA, 2011, p. 171) “era ameaça do deserto, a seca, a fome e a morte”. Em consórcio com Seth, demônios femininos como Nut (vaca celeste), Pax het e Tef net (diabinhas felinas) também atuavam no meio da população.

Ainda na esteira de Cousté (1997, p. 123) o mundo ocidental recebeu a influência do povo persa com crença baseada no dualismo Bem/Mal, por meio do masdeísmo. O masdeísmo apregoa que há um princípio indeterminado denominado de Ahuramazda (Deus/Zerman/Temp no sentido de eternidade) que dá origem a dois demiurgos complementares, Ormuz (infinito para o alto) e Arimã (infinito para baixo).

Na Idade Média, portanto, segundo Brandão (2003, p. 157), “(...) a imagem do Diabo se cristalizou no imaginário do Ocidente.

Corroborando com esta declaração, (NOGUEIRA, 2000, p. 74), assevera que:

(...) o Diabo odeia a Deus e por conseqüência o homem, feito a Sua imagem e semelhança, fora fortemente difundido e, com isso, a crença de que o Mal estava longe de ser vencido. Assim, o Diabo e seus servos estavam por toda a parte tentando corromper homens de modo afastá-los de Deus.

Diabo no cordel

Relevante é a presença do Diabo na literatura de Cordel, na qual o ser do mal se traveste como conquistador de mulheres, negociante, avarento, gerente do inferno (com livro-ponto, mercadorias e controle de fluxo de caixa) e engraçado. Folhetos como *Carta de Satanás ao amigo George Busch*, de Zé de Madalena, *O Satanás reclamando a corrupção de hoje em dia (sic)*, de José Costa Leite reportam à figura do Diabo. Dentre aqueles onde o Diabo adquire notoriedade como personagem, citemos uma estrofe do emblemático folheto *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco:

Lúcifer mais Satanás
Vieram olha do terraço
Tudo contra Lampião
De cacete, faca e braço
E o comerciante no grito
Dizia – Briga bonito,
Negrada chega-lhe o aço!

Diabo bíblico

Inclinando o olhar sobre o texto das *Sagradas Escrituras*, encontramos pela primeira vez a designação do nome ‘demônio’ em Deuteronômio 32:17 a citação: “Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus; a deuses que não haviam conhecido, novos deuses recém-chegados, aos quais vossos pais não veneraram.”

Já no livro de Lucas 8:29, portanto, no Novo Testamento, é registrada a presença desta entidade, demônio, nas seguintes palavras: “Pois Jesus tinha ordenado ao espírito imundo que saísse do homem. Já havia muito tempo que se apossava dele, e embora o mantivesse preso com grilhões e cadeias, quebrava as prisões, e era impelido pelo demônio para o deserto.”

De posse destas duas referências bíblicas em que se menciona a palavra e os atos do demônio, Davis (1897, p. 153) diz que este termo

Entre os gregos tinha várias significações, podendo ser um deus, ou uma divindade no sentido geral; o gênio ou a fortuna; a alma de alguém que pertenceu à idade de ouro e que agora se transformou em divindade tutelar; um deus de categoria inferior.

Segundo Davis, há uma diferença entre Diabo e demônio no idioma grego. Os demônios se apoderam dos homens maus que são subordinados aos diabos.

Enquanto isso, os judeus materializavam outras noções sobre o assunto tais como: que os demônios eram almas dos maus; que poderiam ser exorcismados por meio de raízes e do nome de Salomão ou até serem expelidos através da fumaça do coração do fígado de peixes queimados.

A palavra Diabo, segundo o próprio Davis (idem, 157) vem do grego *diabolos*, *caluniador*. Este substantivo é aplicado aos espíritos maus, conforme encontramos em Marcos 1:34: “e Jesus curou a muitos doentes de diversas enfermidades, e expulsou muitos demônios, porém não permitia que eles falassem, porque o conheciam.”

Diabo também é o nome que é aplicado ao maligno Satanás, o maior de todos os anjos caídos (Ap. 12:9). Sobre Diabo-Satanás recaem os mais negativos predicativos tais como: a) o pecado que originou a sua queda foi o orgulho (I Tm 3:6); b) o maior inimigo de Deus e do homem (I Pe 5:8); c) foi ele quem tentou a Jesus e incentivou os homens a pecar (Mt 4:1); d) é a antiga serpente que tentou a Eva (II Cor 11:3); e) é chamado de mentiroso, homicida e pai da mentira (Jo 8:44); f) Quando a boa semente é lançada sobre a terra, o diabo arrebatava (Lc 8:12); g) incessantemente, cerca os filhos de Deus como um leão rugidor, procurando a quem possa devorar (I Pe 5:8); h) arma ciladas contras os filhos de Deus (Ef. 6:11); i) é um astucioso enganador (II Cor 11:3); l) Ele tem poder para se apoderar

das criaturas (At 10:38); k) fomenta a perseguição dos mártires (Ap. 2:10); m) acusador, “E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite” (Ap 12:10). Finalmente, ele será lançado no fogo eterno, feito para ele e seus anjos (Mt 25:41).

Na esteira das nomenclaturas, Satanás também é conhecido no recinto bíblico desde o terceiro século, especialmente por causa de uma interpretação de Lucas 10:18, que é uma explicação de Isaías 14:12 como Lúcifer – quem tem ou dá luz, “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que habitavas as nações.”

A lista de substantivos aplicados ao Diabo amplia-se quando se associa a ele a imagem da serpente e do dragão, de acordo com Apocalipse 12:9: “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, que engana a todo mundo.”

Num processo de genealogia de pecado e pecador, na *Bíblia*, os pecadores contumazes, os injustos, os mentirosos e os assassinos são metaforicamente denominados de filhos do diabo, de acordo com João 8:44: “Vós pertenceis ao vosso pai, o diabo, e quereis executar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, pois não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, pois é mentiroso e pai da mentira.”

Mais do que filhos do diabo, Jesus, ao se dirigir a Judas Iscariotes, declarou que este interiorizou o próprio diabo, conforme o relato de João 13:27: “Assim que Judas tomou o pão, entrou nele Satanás. Disse-lhe Jesus: O que estás prestes a fazer, faze-o depressa.”

No livro de Judas, 19, o apóstolo, o escritor bíblico faz referência a uma disputa ocorrida entre o Arcanjo Miguel e o Diabo. Esta disputa é sobre o corpo do Messias: “Mas, o arcanjo Miguel, quando contendia com o Diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda.”

Ao dragão-diabo-satanás-serpente é plasmada a característica física como: aspecto cromático e anatômico, segundo o texto do livro do Apocalipse 12:9: “Viu-se também outro sinal no céu: um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas.”

Diabo eclesiástico

Volvendo o olhar para o mundo eclesiástico, mais precisamente para o padre Antônio Vieira, percebemos a presença do Diabo num dos brilhantes excertos do prodigioso escritor (*apud* SARTIN, p. 75):

Dizem que quando o diabo caiu do céu, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas províncias da Europa, onde ficaram os vícios que nelas reinam. Dizem que a cabeça do diabo caiu em Espanha, e [...] suposto que à Espanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte dela que nos toca ao nosso Portugal é a língua, ao menos o entendem as nações estrangeiras que de mais perto nos tratam.

Neste texto, o Diabo materializa-se alegoricamente, sem a rigidez teológica e mais adequadamente com aspecto pedagógico. Em termos de analogia, desloquemos o olhar para o seguinte episódio narrado pelo padre Bernardes (*apud* DELFINO, p. 76):

Vindo este santo religioso com outras pessoas de tomar Ordens Sacras desde Tortosa para Valença, se lhe juntou no cainho hum moço grande fallador, e muy inquieto, e audaz, o qual chegando a pousada, porfiou, que havia de ficar no mesmo aposento, e cama com o Fr. Domingos. [...] queria o Servo de Deos tomar a necessária refeição do sono, ma elle não deixava com estrondos, e inquietações. Depois começou-se a despir, até a camiza, e a tempo que Fr. Domingos o queria reprehender pela imodéstia, viu que despia também a pelle. Aqui acabou de entender, que era o demônio, e como era costumado a ver semelhantes tramoyas, quis advertir em que parava esta. Lançou o demônio a pelle de remessão sobre huma mesa, e logo esgravatando com hum dedo, tirou hum olho, e depois outro, e com tento, como que receava quebrarem, os acomodou em lugar a parte. Depois desencaixou os dentes, pondo-os em outra parte por sua ordem. Depois foy tirando os músculos, e nervos, e cartilagens, e veyas,

e finalmente a carne, raspando-a dos ossos com vagarosa curiosidade, e ficou como pintão a morte, e logo de hum fato se foi meter com Fr. Domingos na cama, manchando-lhe os vestidos com sangue, que estava escorrendo. Sentia o servo de Deos na vizinhança de uma tal companhia, huma frieza mais que de neve, mas não se turbou; a força de calor de oração foy desfazendo aquella ossada, ate que desapareceo. (*sic*).

O religioso Bernardes busca seus suportes literários na vida dos santos, mais precisamente nas tradições literárias da vida dos santos, local em que o Diabo enfrenta os heróis da Igreja. Segundo Tausiet e Amelang (2004, p. 74), “(...) não se tratam de combates alegóricos, mas [...] de combates reais, físicos, que com frequência deixam o santo gravemente ferido.”

Em se comparando os dois textos, o de Vieira e o de Bernardes, visivelmente percebe-se a maneira como o ser diabólico se materializa. Como já mencionado antes, em Vieira, o diabo é alegórico, enquanto que neste último episódio narrado pelo padre Bernardes, visualizamos um diabo mais concreto, com presença física, sendo anatomicamente construído, um ser tangível, perceptível pelo contato.

O Diabo Eceano

O Diabo como personagem literária na obra de Eça de Queiroz não é privilégio do conto em estudo. Em *O Mandarim* (p. 29-30, negrito nosso), o escritor faz menção deste ser nas seguintes palavras:

Eu nunca acreditei no Diabo – como nunca acreditei em Deus. Jamais o disse alto, ou o escrevi nas gazetas, para não descontentar os poderes públicos, encarregados de manter o respeito por tais entidades: mas que existem estes dois personagens, velhos com a Substância, rivais bonacheirões, fazendo-se mutuamente pirraças amáveis – um de barbas nevadas e túnica azul, na *toilette* do anti Jove, habitando os altos luminosos, entre uma corte mais complicada que a de Luís XV; e o outro enfarruscado e manhoso, ornando de cornos, vivendo nas chamas inferiores, numa imitação burguesa do pitoresco Plutão – não acredito. **Não, não acredito! Céu e Inferno são concepções sociais para uso da plebe – e eu pertenço à classe média.**

No conto *O Senhor Diabo*, após uma ligeira introdução em que o narrador se diz inapto para escrever para Revistas, bem como de falar de literatura, o narrador argumenta que conta, esporadicamente, uma história romântica para adormecer senhoras arquiduchessas da Áustria.

Imediatamente à introdução do texto, escrevendo “Diabo” sempre com letra maiúscula, o narrador formula uma indagação: “Conhecem o Diabo?” O próprio narrador se adianta para dizer que não vai contar a história desta personagem, mas que, sabe de cor a trajetória do ente infernal. História esta que é pautada por ser trágica, luminosa, celeste, grotesca e suave. Também diz que *o Diabo é a figura mais dramática da História da Alma*. A vida do Diabo, segundo o narrador, *é a grande aventura do Mal*.

Seguem-se alguns predicativos. Segundo o narrador, O Diabo foi o primeiro a ser citado e que foi ele o inventor dos enfeites que enlanguescem a alma e as armas que ensanguentam o corpo. Também se registra que o Diabo é o representante imenso do direito humano. Isto se explica pelo seguinte motivo: ele quer a liberdade, a fecundidade, a força e a lei. Ele é comparado à Pã sinistra, “(...) onde rugem as fundas rebeliões da Natureza”. Acrescente-se a estes predicativos, o fato de que ele combate

o sacerdócio e a virgindade, aconselha a Cristo que viva, e aos místicos que entrem na humanidade.

A lista de predicativos segue assim: é incompreensível, tortura os santos e defende a Igreja. No século XVI é o maior zelador da colheita dos dízimos. É envenenador e estrangulador. É impostor, tirano, vaidoso e traidor. Conspira contra os imperadores da Alemanha; consulta Aristóteles e Santo Agostinho, suplicia Judas e Bruto que apunhalou César. (questões político-eclésiásticas)

Segue o narrador dizendo que o Diabo tem uma “tristeza imensa e doce, o que se explica talvez pelo fato de que esta nostalgia seja por conta da saudade dos Céus.”

Sobre um conflito no céu, o narrador comenta que quando o Diabo era novo e os astros lhe chamavam de Lúcifer, o portador de luz, ele se revolta contra Jeová e comanda uma grande batalha entre as nuvens.

Em seguida, apresenta-se uma lista de personagens bíblicas que foram vítimas do Diabo: Eva foi tentada; Daniel, o profeta, enganado; Jó, apupado; e Sara, torturada. Focando a atuação em Babilônia, o narrador diz que neste local o Diabo foi jogador, palhaço, difamador, libertino e carrasco.

No exílio dos deuses, o Diabo acampa-se com eles nas florestas úmidas da Gália e embarca expedições olímpicas nos navios do imperador Constâncio. Diante dos olhos de Jesus, tem medo e vai torturar os monges do Ocidente.

Ironicamente, o Diabo escarnecia de S. Macário, cantava salmos na igreja de Alexandria, oferecia ramos de cravos a Santa Pelágia, roubava as galinhas do abade de Cluny, espicaçava os olhos de S. Sulpício e à noite ia, cansado e empoeirado, bater portaria do convento dos dominicanos em Florença e ia dormir na cela de Savonarola.

Teologicamente, o Diabo estudava o hebreu, discutia com Lutero, anotava glosas para Calvino, lia atentamente a *Bíblia* e ia ao anoitecer para as encruzilhadas da Alemanha jogar com os frades mendicantes, sentados na relva, sobre a sela do seu cavalo. Intentava processos contra a Virgem; era o pontífice da missa negra, depois de ter inspirado os juízes de Sócrates. Sobre este, que nos seus velhos dias havia discutido com Átila sobre os planos de batalha, entregou-se ao pecado da gula.

Na lista de argumentos sobre o Diabo, algumas personagens retribuem-lhe algumas ações: Rebelais apupou-o ao vê-lo fatigado, engelhado, calvo, gordo e sonolento; Weir escreve contra ele panfletos sanguinolentos; Voltaire criva-o de epigramas.

Pela primeira vez o narrador apresenta reações do Diabo: O Diabo sorri e olha os calvários do deserto ao redor de si, escreve memória e num dia enevoadado, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas, os astros, morre enfatiado e silencioso. Nesta ocasião, Ceranger escreve-lhe um epitáfio.

Eça elabora um dossiê de personagens da história e da literatura que mencionaram a presença e a característica do Diabo, desde as trágicas até às cômicas. O próprio narrador afirma, em um parágrafo isolado, dedicado a esta declaração: “O Diabo amou muito”.

Tudo o que narrador revela parece nada representar, porque ele declara uma frase, começando com a adversativa “mas”, “eu quero só contar a história de um amor infeliz do Diabo, nas terras do Norte.”, mais precisamente, na Alemanha.

O narrador anuncia que vai contar a história de um amor infeliz do Diabo.

No conto, narra-se um episódio numa casa de pau, onde havia um Jesus de marfim, tendo como personagem Maria – clara, loura e santa –, que fiava constantemente, filha de um velho gordo, vaidoso, sonolento e mau, que bebia cerveja de Heidelberg, vinhos da Itália e cidras da Dinamarca. A outra personagem, de cor branca, um lindo moço, Jusel, delicado, melodioso, santo e tímido, que se encostava a um pilar em frente à casa de Maria.

A dinâmica da pequena cidade é marcada pelo rosar das aves, o cantar dos peregrinos nas estradas, pelos santos que liam nos seus nichos, e, ele, o Diabo, aliás, os diabos, escarneciam na grimpada das igrejas. O Diabo sempre se apresenta onde o “clima” é tranquilo e sereno.

O narrador, após caracterizar a paisagem e o comportamento de Maria e Jusel, irrompe com uma poesia. É uma poesia de declaração proferida por Jusel para Maria. A história do relacionamento entre Maria e Jusel tem um final feliz para os dois, apesar da tentativa de cisão provocada pelo pai da noiva.

No texto, o aparecimento do Diabo é marcado por intercalar-se em momentos de paz e romantismo para o casal Maria e Jusel. Já no segundo parágrafo, o narrador apresenta o currículo do Diabo. A lista de peripécias e predicativos vai até o momento em que o narrador anuncia que vai contar a história de um amor infeliz do Diabo.

A história do amor feliz, para Mara e Jusel, e infeliz para o Diabo, segue o seu percurso normal, quando o narrador diz que os diabos escarneciam na grimpada das igrejas. Apesar dos escárnios, as descrições amorosas prosseguem incrustadas por uma poesia encomiosa à Maria.

Mais uma vez o Diabo surge, sendo descrito como tendo uma palidez de mármore, a testa triste e serena como a dos que têm saudade imortal da pátria perdida. Além do mais, o ser do Mal esboça umas risadas frias e metálicas. Neste ínterim, o Diabo diz que é a sua dama que ali está para casar, referindo-se à Maria.

O Diabo até sugere ao seu pajem, Rabil, estragar aquela paixão, pois isto seria uma farsa bem feita ao Compadre lá de cima dos sóis. Jusel diz que a sua força está no Jesus posto na varanda.

A cena de romantismo desenrola-se entre o casal, atingindo o grau maior quando o apaixonado noivo grava no peito de Jesus as iniciais J. M. Isto materializa a cerimônia do noivado. Seguem-se a este episódio declarações amorosas responsivas entre Maria e Jusel, Até que o Diabo pede ao pai de Maria que raspe a inscrição gravada no peito do Cristo. O pai de Maria esboça ser possuído ou incentivado pelo Diabo. Maria dirige-se ao seu genitor, conscientizando-lhe que Jusel é o esposo dela.

Finalmente, o pai de Maria pergunta em tom de grito: Quem é ele? A resposta imediata vem do pajem: É o senhor Diabo. Então, revela-se que o Diabo gostava daquela rapariga, o que explicaria toda a ira do ser do Mal contra a efetivação do relacionamento. Decepcionado com o ocorrido, o Diabo bate em retirada dizendo que vai para o meio da Natureza.

Demoniologia queirosiana

As aparições do Diabo no texto de Eça assemelham-se ao que encontramos em Jó 1:6, onde se relata que “(...) os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, e veio também Satanás entre eles.” Aqui

em Jó a visita de Satanás em meio a um passeio bem que explica o oportunismo do ser do Mal se apresentando diante de ocasiões de estabelecida tranquilidade. Em Jó era um momento feliz, em Eça, o tempo era de uma das festas mais desejadas do mundo: o casamento.

Outro episódio bíblico que se coaduna com o relato queirosiano é o da retirada do Diabo diante de sua derrota. Em Mateus 4:1-11, texto conhecido com “A tentação de Jesus”, o Diabo, após três tentativas fracassadas de ludibriar o filho de Deus, finalmente perde seu espaço. O texto diz: “Então, o diabo o deixou, (...)”.

O Diabo no conto de Eça de Queiroz é semelhante ao Diabo em padre Bernardes (*apud* DELFINO, p. 76), ou seja, um diabo concreto, com presença física, sendo anatomicamente construído, um ser tangível, perceptível pelo contato.

Eça prova, pelo episódio narrado, que o Diabo é mesmo aquele que foi mencionado no início do texto: impostor tirano, vaidoso, traidor, conspirador, tentador, enganador, carrasco, acusador e até mesmo poeta. Estes predicativos são basicamente os mesmos largamente apontados pelos escritores bíblicos à figura de Satanás.

Na demoniologia queirosiana, neste conto, um dos objetivos é caracterizar o Diabo como um destruidor de relacionamentos. Corrobora com esta ideia (NOGUEIRA, 2000, p. 74), asseverando que: “(...) o Diabo odeia a Deus e por consequência o homem, feito a Sua imagem e semelhança (...)”.

Bibliografia

A BÍBLIA sagrada. 2 ed. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e teologia: aproximações. In JORGE, Silvio Renato (org.). **Literatura de Abril e outros estudos.** Niterói, RJ: EdUFF, 2002, p. 89-108.

BARROSO, G. **Lendas do diabo:** ao som da viola. P. 574-579. Disponível em: [HTTP://www.jangadabrasil.com.br/agosto60/im60080a.htm](http://www.jangadabrasil.com.br/agosto60/im60080a.htm) acesso em 25 jul.2010.

BETH, Brait. **A personagem.** 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção.** 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CASCUDO, L. C. **Antologia do folclore brasileiro**, v. 1, 8 ed. São Paulo: Global, 2002.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônio.** São Paulo: EDUSP, 2006.

COHN, Normam. Europe's inner demons. Chigago: University of Chicago Press, 2002.

COUSTÉ, A. **Biografia do diabo.** O diabo como a sombra de Deus na história. trad. Luca Albuquerque. 2 ed. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997, p. 249.

DA CAL, Ernesto Guerra. **Língua e estilo de Eça de Queiroz.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro: 1969.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia.** Trad. Ver. J. R. Carvalho Braga. 14 ed. Rio de Janeiro. Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

ELIADE, Mircea. **Ocultismo, bruxaria e correntes culturais.** Belo Horizonte: Circulo do Livro, 1977.

FERRAZ, Salma. **Pólen do divino**: textos de teologia e literatura. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: FAPESC, 20011.

GABEL, John B; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

GABEL, John B; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2004.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LINK, Luther. **Diabo**: a máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MASINA, Léa. **100 autores que você precisa ler**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MATOS, A. Campos. **Dicionário de citações de Eça de Queiroz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

_____. **Sobre Eça de Queiroz**. Lisboa: Livros Horizontes, 2002.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **A literatura portuguesa através de textos**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

MESSADIÉ, C. R. F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP; EDUSC, 2000, p. 74.

MINÉ, Elza. **Eça de Queirós jornalista**. Lisboa: Livros Horizontes, 1986.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: Ed. Da UNESP, 2003.

MUCHEMBLED, Carlos Roberto Figueiredo. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Estela Ramos de Souza. O diabo violeiro: uma análise a partir da obra Dona do capeta. In FERRAZ, Salma (org.). **Pólen do divino**: textos de teologia e literatura. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: FAPESC, 20011, p.171-179.

PAGELS, Elaine. **As origens de satanás**. Tradução Ruy Jungmann. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 1996.

SARTN, Philippe Delfino. O diabo e o barroco na obra de Manuel Bernardes (1644-1710). In FERRAZ, Salma (org.). **Pólen do divino**: textos de teologia e literatura. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: FAPESC, 20011, p.71 -85.

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e anti-personagem**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2006.

TAVARES, Hênio. **Teoria da literatura**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

TAUSIER, Maria; AMELANG, James. **El diabo em La Edad Moderna**. Madrid, Marcial Pons Historia, 2004.

VAUCHEZ, André. Sermões. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental** (século VIII a XIII). Rio Grande do Sul: Edelbra, 1998, 12 volumes.

WILKINSON, Tracy. **Os exorcistas do Vaticano**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

GABEL, John B; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

Imagem

1. Disponível em <http://4.bp.blogspot.com/-URauJEnJJU/T-h8QZM2vcI/AAAAAAAAADM0/j2EoYlekJYU/s1600/xfig+Franz+Von+Stuck+Scherzo.jpg>, consultado em 07/10/2012
2. Disponível em http://www.warriorsoul.com.br/images/Lucifer_anime.jpg?692. Consultado em 07/10/2012